



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Trabalho de Culminação de Estudos

***Ritos de iniciação e o processo de ensino-aprendizagem no espaço
sociocultural de Moçambique***

Candidata: Gilda Pedro

Supervisor: Dra. Sandra Manuel

Maputo, Agosto de 2020

Trabalho de Culminação de Estudos

***Ritos de iniciação e o processo de ensino-aprendizagem no espaço
sociocultural de Moçambique***

Candidata

Gilda Pedro

O Júri

Dra. Sandra Manuel

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Maputo, Agosto de 2020

Declaração de Originalidade

Declaro que este relatório de pesquisa é original. O mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico.

Gilda Pedro

Maputo, Agosto de 2020

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe,

Emília Rosita,

Aos meus avós,

Avelino Pedro e Rosita Alberto,

E à toda minha família.

Agradecimentos

A Deus, por ter-me iluminado nesta caminhada, e por ter-me dado uma mãe carinhosa e atenciosa, que conseguiu educar-me e dar-me apoio material e moral.

Aos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane por todos ensinamentos dados durante os quatro anos de duração do curso.

À minha orientadora, Sandra Manuel, pela paciência, atenção, dedicação, ensinamentos e sugestões na orientação deste trabalho. Aos participantes do estudo, por terem permitido compartilhar as suas experiências.

A minha mãe Emília Rosita, pelo apoio incondicional. Ao meu noivo Artur Cossa, pelo apoio incondicional. Aos meus tios, Abude Mopai, Florência da Conceição, Catarina da Anunciação, primos José Morais, Kleber, Kucha e Karina, pelo apoio moral e material.

Aos meus colegas de turma de “Antropologia 2016”, em especial ao meu grupo de estudo, que sempre apoiou-me, pelo esclarecimento de dúvidas e colaboração na discussão dos textos e assuntos do quotidiano, em especial Stélio Jotamo, Humberto Chiungo, Florência Tovela, Helena Mabota, Estrela Chichango e Noêmia Alberto. E ao colega Sérgio Mabdjaja.

As minhas amigas Lúcia Sequene, Elvira Leitão, Lina Mapanga e Yuka Cecília, pelos momentos de conversa, convívio e apoio moral.

A todos, muito obrigado.

Resumo

O estudo analisa os ritos de iniciação e o processo de ensino-aprendizagem no espaço sócio-cultural de Moçambique. Com base na literatura usada, identifiquei duas abordagens na relação entre os ritos de iniciação e o processo de ensino e aprendizagem formal: uma defende a exclusão dos ritos e a outra que defende a inclusão dos mesmos no processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, o estudo permite compreender as vantagens que os ritos trazem para os jovens no processo de ensino e aprendizagem e também alguns problemas que os mesmos têm na integração na educação formal, uma vez que a forma como lhes é transmitido o conhecimento no processo dos ritos de iniciação é diferente da forma como é o processo de ensino na educação formal.

Este estudo tem como objectivo compreender como conciliar a prática dos ritos de iniciação com o processo de ensino-aprendizagem. Para efetivação deste trabalho recorri a teoria determinista, bem como entrevistas semi-estruturadas. Os dados recolhidos revelam que a passagem para a fase adulta é feita com base na passagem dos ritos de iniciação e esta educação tradicional tem sido responsável por assegurar a educação aos cidadãos sem acesso a educação formal. A escola é uma instituição que exerce um papel fundamental para a reprodução da vida cotidiana, no seu interior podem-se criar as bases fundamentais para o questionamento e a transformação da sociedade com tendência de criar melhores condições de vida na sociedade.

Palavras-chave: *ritos de iniciação; processo de ensino-aprendizagem; educação.*

Índice

Introdução	1
Objectivos	3
Objectivo geral:.....	3
Objectivos específicos:	3
Questões de investigação	3
Hipótese	3
Justificativa	4
Delimitação do estudo.....	4
Revisão de literatura	5
Enquadramento teórico e conceitual	8
Enquadramento teórico	8
Conceitos.....	8
Educação	8
Educação informal ou tradicional	9
Educação formal	9
Ritos de iniciação.....	10
Procedimentos metodológicos	10
Etapas da pesquisa	10
Técnicas: Pesquisa bibliográfica e entrevista semi-estruturada.....	10
Seleção dos participantes da pesquisa.....	11
Processo de registo, tratamento e análise de dados.....	11
Constrangimentos	11
CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	12
Perfil dos participantes.....	12

RITOS E ESCOLA: INTERSECÇÕES E DIFERENÇAS NOS DIFERENTES PADRÕES DE EDUCAÇÃO	13
Experiências das raparigas e rapazes nos ritos de iniciação	13
Educação informal versus Educação formal: O que aprendem nos ritos versus o que aprendem na escola.....	14
Complementaridade ou diferença entre educação formal e educação informal	16
Ritos de iniciação: consequências da sua prática.....	17
Conclusão.....	20
Referências bibliográficas.....	22

Introdução

Neste estudo faço uma reflexão sobre os ritos de iniciação e o processo de ensino-aprendizagem no espaço sócio-cultural de Moçambique. O meu interesse por esse assunto surgiu durante uma pesquisa que realizava na internet sobre processo de ensino e aprendizagem, no meio da pesquisa me deparei com o assunto ritos de iniciação e fiz uma leitura breve. Após a leitura conversando com minha tia, esta falou da sua experiência nos ritos de iniciação e um pouco do que lá aprenderam.

As conversas tidas com a referida tia acerca da sua experiência, motivaram-me a aprofundar sobre o assunto. Para o efeito realizei uma pesquisa qualitativa. Da literatura analisada identifiquei duas abordagens, uma que defende a exclusão dos ritos de iniciação, acreditando que os mesmos contribuem para a desistência escolar e a outra que defende a inclusão dos ritos de iniciação no processo de ensino-aprendizagem.

Se por um lado a literatura permite compreender as vantagens que os ritos de iniciação ou o aprendizado que é adquirido nos ritos traria para os mesmos jovens iniciados e alguns problemas de integração em escolas formais para os referidos jovens. Entretanto, fica por compreender as respostas desses estudantes e esses problemas no seu quotidiano no ensino formal.

A discussão sobre os ritos de iniciação e suas influências no processo de ensino-aprendizagem em Moçambique tem sido matéria de debate nos últimos anos devido às dificuldades para obter consenso entre as sociedades praticantes dos ritos de iniciação e dos pressupostos estabelecidos pelo Ministério da Educação.

Segundo Pinto (2017), os ritos de iniciação são parte intrínseca da religião tradicional de toda a África Central, remontando a sua prática a 400 a. c. Tais cerimónias constituem-se como um ritual de transição, estabelecendo as bases que irão regular a vida adulta dos jovens iniciados, através da construção de uma nova identidade.

Entre os Macua, os ritos de iniciação assumem-se, igualmente, quer como um mecanismo de reprodução e de controlo social, quer como a única forma de gerar descendência dentro do quadro de expectativas familiares e da comunidade. Ademais, sem ter sido iniciado, o jovem macua é uma não pessoa não lhe sendo possível, com a morte, alcançar o estado definitivo, que sempre desejou (Pinto, 2017).

Sendo assim, ainda na óptica de Pinto, a prática dos ritos iniciáticos adquire contornos mais complexos do que a de "mera" violação dos direitos das crianças e das mulheres; a par da observância de outros requisitos e rituais, a iniciação garante, após a morte do indivíduo, a "comunhão plena com os seus antepassados". Assim sendo, recusar a iniciação significaria, à partida, renunciar à imortalidade, do que resultou uma forte oposição à adoção de medidas de igualdade de género, com base no pressuposto de que estas refletiriam "um confronto de culturas em que valores estrangeiros faziam perigar os valores africanos.

Nos primeiros anos de escolaridade, no processo de educação as crianças Moçambicanas confrontam-se com os conflitos que resultam da relação entre os saberes locais (aprendidos a partir da educação tradicional) e os saberes adquiridos na educação formal. Sobre a educação em Moçambique, existem comunidades onde a educação formal continua a enfrentar dificuldades na integração da criança, dada a forte preferência pela educação tradicional, sobretudo em momentos de práticas de ritos de iniciação.

O estudo dos ritos na Antropologia é relativamente novo, pois entre os primeiros antropólogos com diz Van Gennep, o ritual era visto como algo socialmente irrelevante, já que nem no domínio social existia algo independente e autónomo para reflexão (Van Gennep, 2011:11). Ainda na óptica de Van Gennep, até a segunda metade do século XIX, os padrões de comportamento eram explicados com base na redução do social ao biológico, ou davam uma explicação psicológica aos fenómenos sociais, reduzindo sobre maneira o social a vontade de agentes individuais.

O estudo dos rituais foi introduzido por Van Gennep, que mostrou que os rituais constituem as etapas que definem novas identidades a uma pessoa e, papéis novos que podem ser desempenhados no grupo de pertença e, consciencializam sobre os direitos e valores do grupo social. Portanto, os rituais na Antropologia são olhados a partir de três abordagens. A primeira é a processualista social, vê os rituais cíclicos, compondo três fases: separação, margem e agregação.

A segunda abordagem que é a performancista, difere da primeira pois vê os rituais como elementos de performance, da actuação ou da teatrilidade. Para esta abordagem os rituais são como um drama social onde estão presentes a cultura e o desempenho (Van Gennep, 2011). E a terceira abordagem difere-se da performancista e processualista, pois diz respeito ao poder e a política. Reconhecendo a dimensão laica e cívica dos rituais, os defensores desta visão

dizem que os ritos estão ligados à esfera política e ao poder, como margem de manobra dos chefes transformarem e manipularem os rituais a seu favor (Leach, 1996).

Objectivos

Objectivo geral:

- Compreender como dois sistemas de educação distintos coabitam.

Objectivos específicos:

- Identificar os significados dos ritos de iniciação para os informantes seleccionados;
- Analisar até que ponto o governo percebe os ritos de iniciação, como um problema social;
- Analisar a forma como se pode conciliar os ritos de iniciação com o processo de ensino-aprendizagem.

Questões de investigação

Tendo em conta o contexto da diversidade cultural do povo moçambicano e a complexidade dos processos de ensino-aprendizagem que por vezes interferem na educação formal e na vida de homens e mulheres, este trabalho pretende responder à seguinte questão:

- De que forma coabitam os ritos de iniciação e a educação formal?

Hipótese

A princípio a pesquisa revela que a educação na base dos ritos de iniciação, de uma forma geral pode influenciar negativamente o processo de ensino formal. Isto acontece porque os anciãos transmitem conhecimentos de segregação social e de género. Neste âmbito, a participação dos jovens na vida social e na educação formal é influenciada pela percepção local adquirida após os ritos de iniciação. Na visão dos mais velhos, sobretudo os mestres dos ritos de iniciação, a escola formal não transmite uma educação satisfatória para a vida. Este posicionamento faz com que o processo de ensino-aprendizagem, na escola formal, ocorra com um número reduzido de pessoas em algumas regiões do país, sobretudo a rapariga.

Justificativa

O presente estudo é relevante na medida em que ele pode ajudar a perceber que tanto os ritos de iniciação como o Processo de ensino-aprendizagem estão intrinsecamente relacionados e, ambos, são assuntos que estão ligados ao desenvolvimento cognitivo e contribuem para a formação da personalidade dos jovens. Consequentemente, ao compreender a importância dos dois tipos de actividades, os anciãos, mestres, os pais e encarregados de educação poderão estar em condições de colaborar com as direcções das escolas de modo a conseguir bons resultados pedagógicos.

O acesso à educação e aos ritos de iniciação contribui para a integração social, tanto na família como na escola. Assim, a escola é uma instituição que exerce um papel fundamental para a reprodução da ordem social, no seu interior podem-se criar as bases fundamentais para o questionamento e a transformação da sociedade com tendência de criar melhores condições de vida na sociedade. Por isso, o desempenho escolar depende da forma como os indivíduos são introduzidos ao processo de socialização.

A educação dos indivíduos constitui uma grande inquietação no plano moral, humano e social, familiar e comunitário. Por isso, este estudo é relevante porque irá despertar a consciência no seio da comunidade sobre a importância da escola na formação e preparação da rapariga para a vida sem se apartar dos impactos causados pelos ritos de iniciação na sociedade.

Espero que no fim deste estudo haja maior compreensão sobre a importância da educação formal, a relação existente entre os ritos de iniciação e os processos de ensino-aprendizagem. Cada um destes assuntos complementa um ao outro, ao perceberem esta realidade os encarregados de educação e pais dos alunos poderão participar melhor no combate contra as desistências escolares e poderão se reduzir as injustiças sociais e desigualdade de género entre homens e mulheres pertencentes a um grupo social.

Delimitação do estudo

Este estudo centra-se na análise da situação do processo de ensino e aprendizagem baseando-se nos ritos de iniciação e na educação formal. O estudo não pretende analisar todo o complexo de relação entre os ritos de iniciação e os processos de ensino-aprendizagem ou a educação formal e a educação tradicional, ele limita-se a discutir como é que se pode reconciliar a

prática dos ritos de iniciação com o processo de ensino e aprendizagem; implicações das práticas culturais no desempenho dos jovens moçambicanos.

O presente estudo está organizado em seis partes. Na primeira parte que compõe a presente introdução exponho a problemática de pesquisa e a estrutura do trabalho, na segunda parte apresento a revisão de literatura. Na Terceira parte o enquadramento teórico e conceptual. Na quarta descrevo os procedimentos metodológicos, os métodos e as técnicas usadas na recolha, registo e tratamento de dados, e os constrangimentos encontrados e os meios adoptados para ultrapassá-los. Na quinta parte apresento a análise e discussão dos dados, onde contém desde o perfil dos participantes até os aspectos positivos e negativos nos ritos de iniciação. E na sexta e última parte as considerações finais.

Revisão de literatura

Da literatura analisada identifiquei duas abordagens, uma que defende a exclusão dos ritos de iniciação, pois acredita-se que os mesmos têm tido consequências negativas como o abandono escolar e casamentos prematuros, e a outra abordagem que defende a continuidade dos ritos de iniciação por acreditar que os mesmos para além de serem como uma identidade cultural, estes ajudam na organização ou estruturação da sociedade.

Os autores Osório e Macuácuá (2013) defendem a primeira abordagem, estes analisam um encontro e ou confronto entre o Estado e os ritos, eles procuram evidenciar a força dos ritos na actualidade. A explicação dos autores gira em torno de três campos fundamentais de visibilidade na esfera pública, a saúde, a educação e os direitos humanos. Osório e Macuácuá citam Ntchama (1991) que afirma que a violação dos direitos humanos é parte das dificuldades da aplicação do normativo contido nas convenções internacionais. Para este autor o próprio silêncio do estado mostra que a forma como este penetra e sustenta a sua lógica de poder. A explicação dos autores Osório e Macuácuá permite compreender há necessidade da inclusão dos ritos como materialização da constituição. Entretanto, os autores perdem de vista a importância da disponibilização de condições materiais e locais que muitos dos jovens que são iniciados vivem.

Van Gennep (2011) refere que a discussão entre os ritos o processo de ensino e aprendizagem formal lida com a puberdade fisiológica e social, e são duas coisas essencialmente diferentes, e que só raramente coincidem. Se a puberdade física é de difícil datação, apesar da constatação contínua dos seus traços materiais de evolução num indivíduo, a puberdade

social é ainda mais complicada de identificar, sendo, porém, a que apresenta maior exposição sobretudo a partir das cerimónias de consagração da maturidade por via dos eventos sociais dos ritos de iniciação. Para este autor a questão da exclusão permitiria que os iniciados pudessem não ter a vida exposta.

No geral a primeira abordagem permite compreender a exclusão dos ritos de iniciação, centrando-se numa educação onde capacita-se o indivíduo para o autoconhecimento e para a transmissão dos valores morais, cívicos e culturais que sustentem a sociedade sem expor o indivíduo.

Diferente da primeira, a segunda abordagem compreende que o principal objectivo dos ritos de iniciação é garantir a manutenção da estrutura social, da coesão e da continuidade da sociedade. É nos ritos de iniciação onde se separa a criança e o adulto. A questão é que estamos diante de duas lógicas distintas de consagrar crianças e adultos (ensino nos ritos versus ensino moderno). Aliás, segundo Medeiros (1995), não há etapas intermédias entre crianças e adultos no mundo dos ritos.

Independentemente da idade fisiológica dos jovens a iniciação macua consolida saberes construtores da identidade de género e de identidades sexuais discriminadas que se traduzem, a nível individual na preparação de papéis de género para a vida conjugal.

Segundo Laraia (2007) a construção das diferenças fundamentais entre homens e mulheres visando legitimar o domínio masculino foi possível através de processos de enculturação, determinados culturalmente, e não em função de uma racionalidade biológica. Este autor permite compreender a importância dos ritos no processo de formação do homem enquanto membro de uma sociedade. Com uma abordagem complementar a de Lararia (2007), Roseiro (2013) afirma que os rituais dos rapazes macondes em Moçambique para a sua integração na vida adulta, consistem na circuncisão e no isolamento, durante um ou dois meses, na época chuvosa e férias escolares. E a circuncisão e os ensinamentos recebidos são intransmissíveis aos não iniciados.

Segundo Mariza Peirano (2003) os rituais podem ser religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados. O importante nos rituais não seria assim o conteúdo explícito, mas suas características de forma, convencionalidade, repetição etc. igualmente importante na análise dos rituais é não nos deixarmos levar unicamente por nossos valores de racionalidade ou pelos critérios de nossa sociedade, já que estes não são necessariamente

válidos para outros grupos. A explicação de Peirano (2003) permite compreender a diferença da prática dos ritos, por exemplo a forma como os mesmos acontecem entre os macuas e makondes, isto explica a diferença com que os iniciados relataram suas passagens pelos ritos em suas entrevistas.

Ainda em defesa da segunda abordagem, Medeiros (1982) afirma que nas populações do norte de Moçambique, as mudanças de estado, situação social, e de idade são acompanhadas por cerimónias festivas e rituais quase sempre carregados de significados mágico-religiosos, que têm como objectivo integrar o indivíduo no seu estatuto social.

Segundo Medeiros (1982) as cerimónias de iniciação da puberdade acarretam uma transformação profunda na vida dos jovens. Elas têm por finalidade instruir os iniciados nas crenças da vida social, moral e produtiva, visando incorporá-los na vida de adultos. Os iniciados recebem instruções civis (costumes e etiqueta), profissional (guerra, caça) e sexual.

Alfane (1996) enfatiza a importância dos ritos de iniciação afirmando que também representam uma instituição de ensino reconhecida e respeitada pelas comunidades moçambicanas, porque complementam a educação familiar, reforçam os aspectos culturais, e por sua complexidade e regras são ensinadas por pessoas especializadas. Segundo Sara Pinto (2017) os ritos de iniciação praticados pelos macuas conferem às jovens iniciadas estatuto de adultez, independentemente da idade em que estas jovens são iniciadas. Por outro lado, Osório e Macuácuá (2013) afirmam que há um receio de que os conteúdos dos programas de educação escolar possam de alguma forma esvaziar os ensinamentos dos ritos.

A segunda abordagem permite compreender como é a integração de jovens iniciados ou passados dos ritos de iniciação, os factores que sustentam as vantagens que a passagem pelos ritos de iniciação traria para os mesmos e suas famílias. Entretanto perde de vista que em algum momento presente e futuro esse jovem convive em ambientes em que nem todos são iniciados e o mesmo poderia ter dificuldades de ambientação nesses ambientes, poderia também propiciar o abandono escolar por conta de alguns ensinamentos transmitidos durante os ritos, um exemplo disso são os cuidados que ensina-se a jovem iniciada a ter com o seu parceiro, e para os rapazes a segurança que lhes é passada de que são os machos, e as mulheres devem ser submissas a eles.

No geral, a literatura analisada permite compreender a importância dos ritos de iniciação, porque nas comunidades étnicas é a partir destes ritos que as crianças e jovens se tornam

adultos, e incorporam os ensinamentos considerados necessários para enfrentar os desafios da vida cotidiana. Entretanto fica por compreender as respostas desses jovens iniciados e os problemas que os mesmos trazem para uma sociedade em que a maior parte não tenha passado pelos ritos.

Enquadramento teórico e conceitual

Enquadramento teórico

A teoria adoptada no trabalho é a estruturalista. A concepção estruturalista no âmbito organizacional formal ou informal considera que o conceito estrutura é importante para a ciência por esta aplicar-se em estudos diferentes fazendo com que haja comparação (Motta, 1970).

Segundo Lévi Strauss o estruturalismo surgiu nos anos sessenta. Este autor identificou quatro condições de modelo do estruturalismo, nomeadamente, o social, o político, o económico e o cultural. Em antropologia Lévi Strauss é considerado o expoente mais notório da teoria e da análise estrutural. Tendo se destacado nas análises do parentesco do pensamento mítico (1908).

A ideia do autor, permitiu-me compreender que os iniciados seguem uma estrutura. Basicamente a intenção do método estruturalista, permitiu-me identificar estruturas gerais de um grupo analisando as suas partes, aliando-se a ideia de que a teoria é usada para explicar vários tipos de estrutura organizacional dentro dum sistema social.

Conceitos

No presente trabalho uso os conceitos educação, educação formal, educação informal ou tradicional, ritos de iniciação, definidos a seguir.

Educação

Segundo o Plano Curricular Básico (2003), a educação é um processo pelo qual a sociedade prepara os seus membros para garantir a sua continuidade e o seu desenvolvimento. Trata-se de um processo dinâmico que busca, continuamente, as melhores estratégias para responder aos novos desafios que a continuidade, transformação e desenvolvimento que a sociedade impõem.

De acordo com Durkheim (1984), educação é a acção que os adultos exercem sobre as crianças e adolescentes. Este definiu educação como sendo o meio pelo qual a sociedade renova continuamente as condições da sua própria existência. A educação perpetua e reforça a homogeneidade, começando por fixar no espírito da criança as semelhanças essenciais que a vida colectiva requer. Mondlane (1975) escreve que geralmente os teóricos dividem a educação em dois tipos: a educação formal e a educação informal e, todas sociedades usam sempre ambos os tipos em diversos graus e níveis de ensino.

Educação informal ou tradicional

Educação informal ou tradicional é aquela que decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações. Neste processo de educação a pessoa obtém fora das escolas, com professores particulares e, aulas individuais, ou mesmo pela experiência da vida.

Segundo Mondlane (1975), a educação tradicional é aquela que é exercida no meio social de pertença da criança e normalmente transmite saberes locais. Na mesma ordem de idéias, Estrela (1994) considera que no contexto da educação informal a criança é educada no seio da família, comunidade e a sociedade em geral, por meio de uma aprendizagem por motivação e por participação gradual na vida dos adultos.

Educação formal

A educação formal é aquela que se obtém nas escolas oficiais, cujo currículo é reconhecido pela instituição competente (Ministério da Educação) e é comprovado através de certificados registados pelo Ministério.

Segundo Mondlane (1975) a educação formal ocorre em contexto extrafamiliar à cargo de instituições especializadas, como a escola, o seu grau de organização e o facto destas muitas vezes veicular saberes universais, é exercida na família privilegiando saberes locais.

De acordo com Ponce (1979) a educação formal surge como uma nova forma de educar que se distingue da educação informal na força e conteúdos. Para este autor a complexidade crescente das civilizações trouxe como consequência a diversidade de papéis sociais e a necessidade de preparar as jovens gerações para desempenhar esses papéis.

Ritos de iniciação

Segundo Silva (2000) ritos de iniciação são rituais que celebram a passagem de um indivíduo para a maturidade jurídica, para a fraternidade ou sociedade reservada. Rodolpho (2002) comunga da mesma ideia de Silva, para este autor os ritos de iniciação são aqueles que marcam a transição de um status social para outro.

Riviére (1997) afirma que existe uma variedade de ritos mais ou menos expressivos, como aqueles que se observam dia a dia. O autor dá exemplo do que acontece na escola, ele identifica dois tipos, os ritos de chegada, onde os alunos cumprimentam a professora, e os ritos de actividades curriculares, como ir ao quadro, fazer avaliação, etc.

Para Medeiros (2005:16) os ritos de iniciação são uma fase que acompanham a passagem de um indivíduo de um estado social para o outro no decorrer da sua vida e, estes ritos fazem parte da cultura do povo moçambicano e, é o principal veículo de transmissão de valores morais, cívicos e culturais para cada nova geração. Para Osório e Macuácuá (2013) os ritos de iniciação tem como função primordial produzirem um habitus, mas também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos de diferentes grupos sociais.

Procedimentos metodológicos

Etapas da pesquisa

O presente estudo é de natureza qualitativa. O método qualitativo preocupa-se em analisar e interpretar os dados, interpretar os fenómenos e a atribuir significados (Richardson, 1985:39).

Investiguei uma situação complexa e estritamente particular, analisei a interação de certas variáveis para compreender como conciliar as práticas dos ritos de iniciação com o processo de ensino e aprendizagem e identificar significados que os povos praticantes atribuem aos ritos de iniciação. Realizei o presente estudo em três fases complementares, onde a primeira recolhi dados, na segunda fiz a revisão de literatura e na última fase organizei e analisei os dados.

Técnicas: Pesquisa bibliográfica e entrevista semi-estruturada

- **Pesquisa bibliográfica**

Quanto aos procedimentos de pesquisa, fiz o uso da pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos (Gil, 1999:65). A pesquisa bibliográfica foi fundamental durante a formulação do problema. A partir desta técnica, foi possível formular a pesquisa, com base em livros, teses, e estudos feitos a respeito do assunto.

- **Entrevistas semi-estruturadas**

Recorri igualmente à entrevista, técnica que permite ao entrevistador obter, verbalmente, a informação necessária (Marconi e Lakatos, 2009). Trata-se de uma técnica que o entrevistador se apresenta ao investigado e formula-lhe perguntas, com o objetivo de obter os dados que interessam a pesquisa.

Seleção dos participantes da pesquisa

Para chegar até aos participantes da pesquisa, baseei-me nas indicações de uma amiga, que apresentou-me a duas amigas suas que tinham passado pelos ritos de iniciação. E também nas conversas com familiares falei-me de mais pessoas que tinham passado pelos ritos e fui pedindo para conversar com eles sobre o assunto, com muita insistência consegui que conversássemos. Os participantes que aceitavam conversar indicavam-me mais pessoas e eu ia tentando convencer a eles a me concederem entrevista. No final contei com participação de sete participantes que passariam pelos ritos de iniciação.

Processo de registo, tratamento e análise de dados

Durante o trabalho registei os dados obtidos nas conversas e entrevistas semi-estruturadas numa agenda de notas. Com autorização de alguns participantes gravei as conversas e entrevistas no meu celular. Concluídos os registos das conversas e entrevistas transcrevi no computador juntamente com as gravações. Depois de transcrever os dados busquei os padrões e a partir deles elaborei o argumento deste projecto e organizei os dados em secções que o sustentam.

Constrangimentos

Na realização deste trabalho tive três constrangimentos. O primeiro e que considero principal foi facto de ter mudado de tema porque o meu grupo de participantes ficou quase dois meses

sem contacto devido a pandemia (COVID 19), uns viajaram e outros se mostravam indisponíveis, o que por sua vez me fez mudar de tema.

O segundo constrangimento já se tratando do tema deste projecto, foi o de convencer aos novos participantes a falarem sobre o que aconteceu com eles nos ritos, estes mostravam-se receosos porque foram ditos que não podiam falar sobre isso a pessoas que não tivessem passado pelo mesmo processo. Superei a este constrangimento mostrando a eles que seria um trabalho para a faculdade e que podia colocar nomes fictícios. O terceiro resultou do facto de ter baseado a presente pesquisa em conversas e entrevistas tidas com os participantes, uma vez que não pude fazer uma observação directa. Diante deste cenário baseei as minhas análises apenas nas narrativas que eles contaram sobre suas experiências, no processo dos ritos de iniciação.

CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Perfil dos participantes

Nome	Sexo	Idade	Residência	Ano de ingresso	N. académico
Patrício	M	19 anos	Hulene ‘‘A’’, Maputo	2018	10 ^a classe
Ana	F	25 anos	Bairro central, Maputo	2006	Último ano de Licenciatura
Manuela	F	24 anos	Bairro central, Maputo	2005	Último ano de Licenciatura
Daugy	M	24 anos	Bairro Escola Sec., Gurué	2008	10 ^a classe
Suema	F	25 anos	Mutauanha, Nampula	2010	10 ^a classe
Muhamad	M	26 anos	Napipine, Nampula	2002	5 ^o ano de Licenciatura
Nene	F	25 anos	Polana Caniço, Maputo	2010	3 ^o ano de licenciatura

RITOS E ESCOLA: INTERSECÇÕES E DIFERENÇAS NOS DIFERENTES PADRÕES DE EDUCAÇÃO

Experiências das raparigas e rapazes nos ritos de iniciação

Os ritos de iniciação ocorrem entre pessoas de diferentes sexos nas diferentes regiões. Segundo András Zempléni (2000), citado por Rodolpho (2004), a iniciação é uma forma sintética dos ritos de passagem, por meio dos quais ela opera. Mas a iniciação é mais do que um rito de transição, ela é um rito de formação. Esta formação vai diferenciar os participantes ou o círculo dos neófitos dos de fora, daqueles exactamente não iniciados.

Nos ritos de iniciação masculina são realizadas práticas que exercitam a sexualidade e potenciam a virilidade através do uso de plantas, que prolongam a relação sexual. Muitas vezes as palavras usadas pelos rapazes, como meter, furar, representam o exercício do poder masculino que em nenhum momento pode ser questionado ou negado. Em contra partida, entre os Macuas, os ritos de iniciação assumem-se como mecanismo de reprodução e de controlo social, quer como a única forma de gerar descendência dentro do quadro de expectativas familiares e da comunidade. Para os Macua o indivíduo não iniciado é uma não pessoa não lhe sendo possível, com a morte, alcançar o estado definitivo, que sempre desejou (Martinez 2009:184).

Um dado curioso na prática dos ritos de iniciação masculina é o facto de estes entrarem com um nome e sair com outro, exemplo: quando você entra para os ritos com nome de João, lá você é dado um nome tradicional.

Já no local da iniciação, no dia seguinte o curandeiro principal toca apito três vezes, e esse apito é para cada criança apresentar-se com um novo nome. Os nomes são escolhidos pelos padrinhos. Depois entram num local onde tem fogo, e o fumo desse lume serve como proteção contra feiticeiros. Muhamad

Segundo Van Gennep (1978) os rituais tem um papel importante nas sociedades pois trazem a idéia de passagem de um estado para o outro. Quando as crianças são separadas das famílias e da sua vida normal com destino ao local dos ritos, compreende-se a fase de separação. Os ritos de iniciação enquadram-se também na fase de agregação, nesta fase as crianças voltam ao encontro de suas famílias depois de terem aprendido alguns aspectos culturais e sociais para a fase adulta.

Os ritos de iniciação da rapariga geralmente são realizados, na maioria das regiões, quando ela atinge a puberdade. Dependendo da comunidade ou cultura esta pode passar um mês à dois, no mato com senhoras crescidas que podem ser curandeiras ou detentoras de conhecimento tradicional (Martinez, 2009). Uma vez lá, as meninas aprendem danças culturais, como tratar um doente, como cuidar da sua higiene pessoal, como cuidar do seu parceiro (na cama), filhos e em alguns casos fazem uma circuncisão, onde cortam uma parte do clitóris. Estas também aprendem como se comportar na sociedade, o respeito aos pais e aos mais velhos, em alguns casos estas são ensinadas a fazer relações sexuais.

Durante o dia as velhas vinham dançavam, e me falavam coisas, como que eu tinha que me comportar porque já sou grande, que não podia mais brincar com criancinhas. Me ensinavam... eee mana Dona... oky... Organizaram um pau em formato de pênis e começam a ensinar como se faz relações sexuais, como se limpa, depois de ensinar você tem que fazer ali em frente das velhas até acertar ou aprender. E falam pra não informar ninguém. Suema

Uma rapariga que tenha passado pelos ritos é preparada para servir. Este serviço vai desde a realização de tarefas domésticas, principalmente aquele que está directamente ligado ao bem-estar do homem (cozinhar, e preparar água de banho, e satisfazer o parceiro), até o exercício de pedir ao parceiro autorização para realizar qualquer actividade. As raparigas aprendem a não ter escolha, a subordinar os seus desejos, como estudar e trabalhar fora de casa, à vontade do companheiro.

Esta forma de pensar e viver o respeito, esta bem manifesta na aprendizagem da sexualidade. As raparigas por intermédio de canções, da manipulação de objectos (com a forma de sexo masculino) e do mimetismo da relação sexual, sabem que o seu destino e a sua vida são condicionados pela vontade masculina. Ele é o chefe da família e portanto seu dono e patrão. Para as raparigas os ritos de incitação autorizam os pais a casarem-nas prematuramente.

Tanto para os rapazes como para as raparigas, os ritos são vistos como uma forma cultural de crescimento, uma vez que os mesmos vêem e escutam de pessoas mais velhas que passar pelos ritos dá-lhes um novo status perante a comunidade.

Educação informal versus Educação formal: O que aprendem nos ritos versus o que aprendem na escola

A educação tradicional, muitas vezes tem sido responsável por assegurar a educação aos cidadãos sem acesso a educação formal. Nos primeiros anos de vida, ela dá a criança e aos

jovens um conjunto de conhecimentos utilitários, muito diversos, que permitem enfrentar com eficácia e sem frustração as dificuldades da vida futura.

Segundo Mondlane (1975) a educação tradicional é aquela que é exercida no meio social de pertença da criança e normalmente transmite saberes locais. Estrela (1994) considera que no contexto da educação informal a criança é educada no seio da família, comunidade e a sociedade em geral por meio de uma aprendizagem por motivação e por participação gradualna vida dos adultos.

Antigamente a educação formal não era valorizada porque se pensava que o que se aprende na escola não era suficiente para as relações sociais e para a boa convivência como por exemplo, depois do casamento. E também porque se pensava que indo a escola a criança no futuro teria muito dinheiro e assim não respeitaria os mais velhos e nem o futuro parceiro (no caso das meninas). Pensava-se que a educação formal retardava o início da actividade sexual e evitava a gravidez, enquanto a educação tradicional defende a procriação logo após a aparição da primeira menstruação na rapariga e quando se observa o engrossamento da voz no rapaz.

Segundo Marques e Oliveira (2016), a educação reflete o modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam em sua sociedade. As diferentes formas de educação reproduzem, por sua vez, o saber que atravessa esses mesmos grupos sociais, seus códigos sociais de conduta, suas regras laborais, sua arte, religião, artesanato ou tecnologia, tudo que um povo necessita para reinventar constantemente a vida do grupo e que ajuda a explicar às futuras gerações a necessidade da existência de sua ordem. Nos ritos de iniciação ensina-se às jovens iniciadas o seu papel no seio da comunidade e se enfatiza o papel reprodutivo destas no casamento, os deveres doméstico e agrícola, o respeito pelos mais velhos e pela família do futuro marido e os tabus associados à sexualidade e a determinados alimentos.

Os ritos de iniciação, em particular, têm como função primordial produzir um *habitus* – ou seja, “princípios geradores de práticas distintas e distintivas, mas que são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes” no seio do grupo social de pertença. (Bourdieu 2008: 22). Os rapazes ganham um sentido de individualidade através de uma rejeição mais radical do seu apego primário à mãe, forjando o seu entendimento da masculinidade a partir do que não é feminino (Giddens, 2000: 130). Isto mostra claramente uma oposição à educação formal ou aquela adquirida ao nível das instituições secundárias de socialização. Na escola, por exemplo, as crianças são ensinadas numa perspectiva igualitária sendo todas iguais e possuindo capacidades iguais na

apreensão do conhecimento. Porém essa distinção só é compreendida pelos meios que ocorrem o processo de ensino-aprendizagem.

A escola muito mais que um ambiente de pesquisa onde se encontra e trabalha o conhecimento da Matemática, da Física, da História, é o espaço onde o indivíduo terá pela primeira vez a chance de compartilhar um pouco aquilo que sabe com pessoas que não fazem parte da sua família. Na escola aprendemos lições como organização de tarefas, de horários, cumprimento de compromissos e apresentação de resultados.

A escola também nos torna mais preparados para o actual mercado de trabalho, e ainda desenvolvemos actividades de leitura e interpretação que nos ajudam a conhecer e a discutir sobre nossa própria história, e a da nossa sociedade. Aprendemos também costumes, cidadania, cultura, e tantos outros conhecimentos além do científico. Na escola desenvolve-se no aluno o aprendizado dos verbos querer e aprender, tal comportamento exige do aluno uma serie de atitudes como interesse, motivação, atenção, compreensão, participação e expectativa de aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser pessoa.

A educação tradicional deve ser acompanhada pela educação formal visto que as duas podem contribuir para a eficiência na ascensão social.

Complementaridade ou diferença entre educação formal e educação informal

A iniciação em crianças ou jovens, dependendo dos costumes de cada população, não tem formas uniformes em toda sua universalidade. Isto quer dizer que os ritos de iniciação não têm a mesma forma em todas as sociedades. Elas vão mudando conforme variam as sociedades.

Tanto Pereira (1998) quanto Durkheim (2000), fazem caminhar o conceito de ritos de iniciação no sentido de aproximá-lo da acção educadora. Assim sendo, geralmente os ritos de iniciação representam uma educação em prática. Se por um lado a educação moderna ensina, dotando o aluno de conhecimentos sócio-culturais e científicos universais, por outro a educação dos ritos de iniciação dota-o de conhecimentos socioculturais da sociedade da que pertence e de conhecimentos da ciência comunitária.

Ainda na óptica de Durkheim (1965), a educação é a acção exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por

objetivo suscitar ou desenvolver, na criança certo número de estados físicos, intelectuais, reclamados pela sociedade. O que acontece com a iniciação, é que a acção educadora dos iniciados fica confinada a pessoas adultas, escolhidas pela comunidade pela sua capacidade e idoneidade. Esses mestres devem ser dotados de certa autonomia moral e ética da respectiva comunidade. As duas formas de educação tem o fim último de provocar determinados estados físicos, psicológicos no aluno ou iniciado.

Tal como a educação, a iniciação tem por objectivo formar o indivíduo para a integração social, cultural e pessoal. A social permite ao indivíduo participar das actividades e da vida do grupo a que pertence; a cultural faz da personalidade um padrão; e a pessoal permite que o indivíduo reúna todas as múltiplas influências do seu meio para de seguida integrá-las na sua maneira de pensar, agir e se comportar.

Ritos de iniciação: consequências da sua prática

A prática de ritos de iniciação em Moçambique, depende do espaço geográfico que cada indivíduo pertence ou ao menos mas mantendo sua função manifesta e dimensão simbólica. Como uma prática cultural, os ritos de iniciação possuem um papel importante na educação moral dos indivíduos mais novos, porque lhes são transmitidos ensinamentos para que estes se comportem, seguindo os bons costumes na sociedade. Mas, os ritos de iniciação não só contribuem para a integração do indivíduo num grupo, comunidade ou sociedade, mas também compõem as relações sociais que este indivíduo iniciado vai (ou passa a) instituir com os outros.

Assim, verifica-se que os ritos de iniciação, também têm aspectos negativos capazes de prejudicar a educação formal dos mais novos ou impossibilitar uma convivência social saudável e inclusiva. De acordo com o relatório da UNICEF (2010) as tradições culturais podem funcionar como barreiras à educação (...) os ritos de iniciação de rapazes e raparigas tendem a influenciar negativamente as taxas de frequência do ensino primário e secundário (UNICEF (2010: 119).

No caso da iniciação feminina, no povo Yã no norte de moçambique, por exemplo, costuma a incluir a circuncisão feminina. Esta circuncisão feminina, que se traduz na excisão do clítoris na mulher, é considerada de mutilação genital e é condenada pela OMS. De acordo com o relatório da OMS (2009), este tipo de circuncisão transgride um conjunto de direitos humanos e direitos da própria rapariga, como por exemplo a não discriminação com base no

sexo, pois priva as mulheres de tomarem decisões independentes e muitas vezes elas não são informadas sobre tais intervenções que têm um efeito prolongado em seus corpos, o de direito a vida, quando resulta na morte, e o direito e estar livre de tortura.

Na iniciação masculina, seus ensinamentos provocam relações de dominação, de masculinidade, de autoridade e de superioridade, o que coloca em si a posição da rapariga (mulher) na estrutura social e da organização. E por fim, a diferenciação nos ritos é tipo de educação dada aos rapazes e raparigas.

Durante os ritos de iniciação masculina são deixadas marcas no corpo do iniciado (circuncisão, tatuagens) serão os sinais, sinais físicos de transformação na personalidade e no status do indivíduo.

Segundo Golias (1993) os ritos de iniciação masculina fazem da personalidade um modelo, um padrão que é expressão de uma maneira de viver e pensar. Sendo assim o indivíduo integra os valores culturais do seu corpo e nele se conforma nas suas maneiras de ser e de agir.

Segundo Nhantumbo et all (2010) os ritos de iniciação constituem, por um conjunto de factores, um mandato para o início da vida sexual, não só pelo que aprendem, mas pela pedagogia utilizada na transmissão dos conhecimentos e pelos sentidos que são conferidos na construção da adultez feminina. As meninas não iniciam a vida sexual mais cedo só porque participaram nos ritos, mas porque estes estimulam a curiosidade e fornecem argumentos para a sexualidade precoce.

Portanto, os ritos de iniciação possuem dois aspectos contrários, por um lado, contribuem positivamente para educação e o comportamento dos jovens transmitindo bons valores culturais e sociais, por outro lado prejudica o processo de ensino-aprendizagem e a frequência escolar dos indivíduos iniciados consequentemente, contribui para as desistências dos alunos na escola.

De salientar que, os dados por mim recolhidos sobre a prática dos ritos de iniciação e o processo de ensino e aprendizagem, dizem o contrário do que os autores escreveram sobre os ritos, ou seja, enquanto a pesquisa bibliográfica diz que a prática dos ritos contribui para a desistência das raparigas na escola, os meus participantes provaram o contrário pois todos

eles continua ou continuou a frequentar a escola por muito tempo mesmo depois de ter passado pelos ritos de iniciação.

Conclusão

O objectivo geral da presente pesquisa era analisar os ritos de iniciação e o Processo de Ensino-Aprendizagem no espaço sócio cultural de Moçambique. Como foi explanado nesse trabalho, baseado nas propostas dos teóricos analisados, ficou claro que existem duas abordagens distintas no que diz respeito à percepção da influência dos Ritos de Iniciação no processo de ensino-aprendizagem em Moçambique, a primeira, defende a exclusão e ou extinção dos ritos de iniciação e a segunda defende a continuidade apoiando-se no pressuposto segundo o qual os ritos de iniciação fazem parte uma identidade cultural e desempenham um papel importante na organização e estruturação da sociedade.

Os objectivos foram alcançados, uma vez que pudemos compreender como os jovens iniciados conciliam a prática dos ritos de iniciação com o processo de ensino e aprendizagem, bem como identificar os significados que os povos praticantes atribuem aos mesmos. A prática de ritos de iniciação é entendida como passagem do indivíduo de um status para outro, e os mesmos fazem parte da cultura moçambicana.

A hipótese da pesquisa foi comprovada, mas também pudemos perceber que nem todos os jovens passados pelos ritos de iniciação fazem parte dos que por razões diversas deixam de frequentar a escola. O nosso grupo de participantes foi de jovens que mesmo tendo recebido ensinamentos ou práticas que exercitam a sexualidade, o facto dos ritos de iniciação assumirem-se como mecanismos de reprodução e controle social, dentre outros ensinamentos, estes optaram por fazer do ensino formal ou da escola um local onde vão aprender ciência e diferentes da educação informal, os mesmos tem direito a dar suas opiniões durante as aulas.

Se por um lado a literatura permite compreender as vantagens dos ritos de iniciação ou o aprendizado que é adquirido nos ritos traria para os mesmos jovens iniciados e alguns problemas de integração em escolas formais para os referidos jovens, por outro lado, a presente pesquisa foca-se na compreensão das respostas dos estudantes perante este dilema.

Diante das limitações apresentadas pela literatura, realizou-se uma pesquisa qualitativa com um grupo de jovens que passaram pelos ritos de iniciação, em diferentes províncias de Moçambique. A partir dos dados colhidos e com recurso às ideias de Marques e Oliveira (2016), compreende-se que nas escolas formais e informais os jovens são dotados de conhecimentos pois, a educação reflecte o modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam em sua sociedade.

Com este estudo, ficou evidente que nas escolas formais há mais jovens que passaram pelos ritos de iniciação mas, estes pouco falam da sua experiência pois consideram que este assunto deve ser tratado apenas por pessoas que tenham passado pelo mesmo ritual. Para fazer face a essa situação alguns participantes optam em usar nomes fictícios, ou contar a história na terceira pessoa. Esses resultados permitem compreender que os jovens que passaram pelos ritos de iniciação quando retornam à escola (ensino formal), deparam-se com uma realidade diferente, onde os mesmos não podem se expressar. Os jovens passados pelos ritos são chamados a adoptar o sistema de aprendizagem universal, para alcançar resultados esperados.

A teoria usada na pesquisa foi estruturalista e permitiu-me compreender que os iniciados seguem uma estrutura pois, a mesma é considerada importante para que nos estudos haja comparação. A teoria permitiu-me também identificar estruturas gerais de um grupo analisando as suas partes.

Portanto, o estudo abre linhas que podem ser aprofundadas futuramente, como é o caso de fazer pesquisas nas escolas formais com estudantes que tenham passado pelos ritos de iniciação, para além de procurar conciliar o que se aprende nos ritos e o que se aprende nas escolas formais, visto que diferente do que os pesquisadores escreveram e com base nos resultados da minha pesquisa, há nas escolas cada vez mais jovens que terão passado pelos ritos de iniciação.

Referências bibliográficas

- Alfane, R. (1996). *Autoridade Tradicional em Moçambique*: Educação cívica na sociedade tradicional. Maputo
- András, Z. (2000). *Iniciação in Bonte Izard, Dictionare de L` Ethnologie et de anthropologie*, Paris: quadrige/ Presses Universitaires de France.
- Bourdieu, P. (2008). *Razões Práticas Sobre a Teoria de Acção*. São Paulo: papiros, 9ª edição.
- Durkheim, E. (1984). *As regras do método sociológico*, Editorial Presença, Lisboa.
- Durkheim, E (2000). *Sociologia, Educação e Moral*, 2ª edição. Porto: Reis-Editora.
- (1965). *História da Educação*. São Paulo, s/ed.
- Gennep, A. (2011). *Os ritos de passagem*. Petrópolis:Vozes.
- Giddens, A. (2000). *Sociologia*. 2ª edição. Lisboa: Fundação Colouste.
- Gil, A. (1999). *Como Elaborar Projectos de Pesquisa*. 5ªed. São Paulo: Atlas.
- Leach, E. (1996). *Sistemas políticos da alta birmania*. São Paulo: edição da Universidade São Paulo.
- Martinez, F. (2009). *O povo macua e a sua cultura*. Maputo, Paulimas, 3ª edição.
- Medeiros, E. (1995). *Os senhores da floresta: ritos de iniciação dos rapazes macua-lomué*. Dissertação de doutoramento em antropologia. Coimbra: Universidade Coimbra.
- Medeiros, E. (1982). *Ritos de iniciação de puberdade no norte de Moçambique*. Maputo.
- Medeiros, E. (2005). *Os senhores da floresta: ritos de iniciação dos rapazes macua-lomué*, dissertação de doutoramento em antropologia. Coimbra: Universidade Coimbra.
- Mondlane, E. (1975). *Lutar por Moçambique*. Sá da Costa.
- Ntchama, C. (1991). *Développement et droits de l`home en Afrique*. Paris: Publisud.
- Osório, C e Macuácuá, E. (2013). *Ritos de iniciação no Contexto actual: ajustamentos, rupturas e confrontos. Construindo identidades de género*. Maputo: Maria José Arthur.
- Pereira, R. (1998). *Introdução à reedição, In Jorge Dias, Os makondes de Moçambique. Aspectos históricos e económicos*, Vol I, Instituto de Investigação Científica Tropical. Lisboa.
- Perirano, M. (2003). *Rituais Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Pinto, S. (2017). *Casamentos prematuros no contexto dos ritos de iniciação femininos, praticados pela etnia macua: Olhares dos finalistas do curso Serviço Social*. Dissertação de mestrado em relações interculturais. Lisboa. Universidade Aberta. Lisboa.

Ponce, A. (1979). *Educação e luta de classes*. Lisboa. Editorial Veja.

Revière, C. (1997). *Os ritos profanos*. Disponível em [https://www.scribd.com/doc/224622776/Revière](https://www.scribd.com/doc/224622776/Revière-Ritos-Profanos-15-Abr) -Ritos-Profanos-15-Abr»scribd.

Rodolpho, A. (2002). *Rituais, ritos de passagem e de iniciação: Uma revisão da bibliografia antropológica*. Disponível em https://www.est.edu.br/publicacoes/estudos...2004/et_2004-2arodolpho.pdf.

Roseiro, A. (2013). *Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde*. Dissertação de doutoramento em Antropologia Social e Cultural. Coimbra. Universidade Coimbra.

Silva, R. (2000). *Ritos de iniciação, igreja católica e o poder político*. Monografia de Licenciatura em História. Maputo:UEM.

INDE/ MINED (2003). *Plano Curricular do Ensino Básico*. INDE/ MINED-Moçambique.

OMS, (2009). *Eliminação da mutilação genital feminina*. Disponível em <http://www.who.int/eportuguese/publications/mutilacao.pdf>

UNESCO, (2010). *História Geral de África I- Metodologia e Pré-história da África*. Brasília: Joseph Ki-zerbo, 2ª ed. Disponível em <https://books.google.com/books/about/história-geral-da-África-vol-I-Metodol.html>.

UNICEF, (2010). *Pobreza infantil e disparidades em Moçambique*. Disponível em <https://www.org.mz/cdp/documentos/Sumario.pdf>.